

AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0398-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.982221008>

1. Ciências humanas. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea, *As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais*, reúne neste volume vinte e dois artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas dos vários saberes que compreendem as Ciências Humanas.

Esta coletânea parte da necessidade de se abordar os mais diversos fenômenos sociais e culturais, passando pelas peculiaridades da educação, do conhecimento psicológico, da sociologia, da história e da arte, na tentativa de demonstrar a complexidade que das relações humanas em sociedade, influenciados por uma cultura.

Espero que consiga colher desses artigos que se apresentam, boas questões, e que gerem diversas discussões para a evolução do conhecimento sobre o fator humano.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO NARRATIVA DAS SÉRIES TELEVISIVAS

Lisandro Magalhães Nogueira

Victor Hugo de Carvalho Caldas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210081>

CAPÍTULO 2..... 9

VESTÍGIOS DA FICÇÃO E A RELAÇÃO COM O APRENDER HISTÓRIA: HARRY POTTER E A OUTRA IDADE MÉDIA

Edilson Aparecido Chaves

Geovana Pereira de Souza Adonis

Giovanna Iancoski Guilherme

Lucas Gabriel Muller Silva

Maria Isabel de Oliveira Meira

Vanessa Lopes Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210082>

CAPÍTULO 3..... 20

OS FIGURINOS DE *THE UNTAMED* COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E ALEGORIAS PARA ALÉM DA CENSURA

Juliana Gomes Pirani

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210083>

CAPÍTULO 4..... 37

O COMPLEXO DO DEMIURGO LITERÁRIO ENTRE A POÉTICA DE WILLIAM BLAKE E A CASA QUE JACK CONSTRUIU (2018), DE LARS VON TRIER

Gabriela Sá Pauka

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210084>

CAPÍTULO 5..... 53

ESCREVIVÊNCIAS E TRAVESSIAS NOS CONTOS DOS PALABRAS E AYOLUWA A ALEGRIA DE NOSSO POVO DE ISABEL ALLENDE E CONCEIÇÃO EVARISTO

Ezilda Maciel da Silva

Amilton José Freire de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210085>

CAPÍTULO 6..... 63

A RELEVÂNCIA DO MOVIMENTO FEMINISTA E OS SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Anna Beatriz Martins Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210086>

CAPÍTULO 7	77
TRADIÇÕES CONFESSIONAIS CHINESES – ANÁLISE INTRODUTÓRIA	
Adelcio Machado dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210087	
CAPÍTULO 8	86
DANÇAS BRASILEIRAS: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EM CONTEXTO ESCOLAR	
Sirlane Maria do Carmo Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210088	
CAPÍTULO 9	94
CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O TERRITÓRIO COMO FATOR DE RISCO OU PROTEÇÃO	
Ana Paula StHEL Caiado	
Karool Malikouski de Amorim	
Ana Carolina Borges Barbosa	
Ronison Loureiro Leppaus	
Dafne Araújo Fontana	
Karen de Araújo Pereira	
Heitor Croce	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210089	
CAPÍTULO 10	104
ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA DE FICÇÃO: HARRY POTTER HISTORIADOR E O OFÍCIO DE ESTUDANTE PESQUISADOR(A)	
Edilson Aparecido Chaves	
Izabella Nodari Grassi	
Maria Julia Biesemeyer	
Mayumi Addad Ishida	
StéphanY Melnik dos Santos	
Vanessa Lopes Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100810	
CAPÍTULO 11	117
NO CHÃO DA ESCOLA: DIFICULDADES E BARREIRAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Edmilton Amaro da Hora Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100811	
CAPÍTULO 12	120
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Paulo Sérgio de Almeida Corrêa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100812	
CAPÍTULO 13	145
A ATUALIDADE DO DESAFIO DE INCLUSÃO DA TEMÁTICA DA EDUCAÇÃO PARA	

AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE

Valdenice de Araujo Prazeres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100813>

CAPÍTULO 14..... 163

ANALFABETISMO NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Bernard Pereira Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100814>

CAPÍTULO 15..... 175

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS DIGITAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Francinéia Ferreira Dias

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100815>

CAPÍTULO 16..... 187

ENSINO REMOTO E ESCAPE ESCOLAR: UMA VISÃO DOS FUTUROS DOCENTES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP) - QUÍMICA/FAEC

Sebastiana Vieira Siqueira

Maria Carolaine Aurélio Fernandes Rosendo

Lourival Rosa Pereira

Ana Lucia Rodrigues da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100816>

CAPÍTULO 17..... 192

PODCAST: SINTONIZANDO A QUÍMICA

Luiza Beatriz Bezerra de Sousa

Francisco Hermeson Bezerra Soares

Ana Heloisa de Sousa Cruz

Saulo Roberio Rodrigues Maia

Cosma Nayara Rosendo de Miranda Gusmão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100817>

CAPÍTULO 18..... 198

A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA JAPONESA 5S PARA MELHORIA DA QUALIDADE DAS AULAS REMOTAS NO ENSINO PÚBLICO DURANTE A PANDEMIA COVID/19 EM ALAGOAS

Fábio Ferreira de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100818>

CAPÍTULO 19..... 209

O POSICIONAMENTO DOS HOTÉIS NO RIO DE JANEIRO COM BASE NAS ON-LINE TRAVEL REVIEWS (OTRS): UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Francisco Barbosa do Nascimento Filho

Murilo Henrique Barbiero Bogadão

Pedro Pimenta Barbosa do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100819>

CAPÍTULO 20..... 228

O TUCUPI NOS PERIÓDICOS DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX (1848-1899)

Guilherme Shitomi Akiyoshi

Sarah de Freitas Batista

Thaina Schwan Karls

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100820>

CAPÍTULO 21..... 246

GARIMPEIROS DE SERRA PELADA: HISTÓRIA, DIREITOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS

Daniel Marques Pinheiro

Deusdeth Nickson de Souza Vieira

Demilzete Maria da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100821>

CAPÍTULO 22..... 255

ASSÉDIO SEXUAL: A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO #METOO E AS SUAS IMPLICAÇÕES

Joab da Silva Lima

Sirley Leite Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100822>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 262

ÍNDICE REMISSIVO..... 263

ANALFABETISMO NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Data de aceite: 01/08/2022

Bernard Pereira Almeida

Pós-Doutorando em Direito, Doutor em Educação, Mestre em Direito, Advogado Militante, Professor Universitário

RESUMO: O analfabetismo ainda é presente em parte considerável da sociedade brasileira e traz diversas consequências ao desenvolvimento individual de uma pessoa e, também, ao país. Mesmo que os avanços na educação brasileira, com a criação de planos, programas e campanhas educacionais, decretos e leis, tenham reduzido as taxas de analfabetismo ao longo dos anos, o país enfrenta a séria questão de não conseguir se livrar desse problema. Nesse sentido, esse estudo teve como objetivo analisar a história do analfabetismo, bem como as causas e as consequências mais impactantes desse problema social no Brasil. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e caráter descritivo, sendo selecionados e analisados diferentes artigos e dados publicados nos últimos dez anos (2012-2022). Com esse estudo foi possível observar que maioria da população analfabeta do país atualmente é composta de pessoas acima de 15 anos, de baixa renda, de cor preta ou parda e localizada, principalmente, na região Nordeste do país. Quanto ao combate ao analfabetismo, observou-se que as medidas de combate já utilizadas podem ser eficazes desde que atuem diretamente nas causas do problema,

ou seja, os programas de alfabetização devem ser considerados em conjunto com os fatores de baixa renda, de falta de oportunidades, de preconceito, de exclusão e mais.

PALAVRAS-CHAVE: Analfabetismo. Consequências. Brasil. Educação.

ABSTRACT: Illiteracy is still present in a considerable part of Brazilian society and has several consequences for the individual development of a person and also for the country. Even though advances in Brazilian education, with the creation of educational plans, programs and campaigns, decrees and laws, have reduced illiteracy rates over the years, the country faces the serious issue of not being able to get rid of this problem. In this sense, this study aimed to analyze the history of illiteracy, as well as the most impacting causes and consequences of this social problem in Brazil. To this end, a bibliographic research was carried out with a qualitative approach and descriptive character, being selected and analyzed different articles and data published in the last ten years (2012-2022). With this study, it was possible to observe that the majority of the illiterate population in the country is currently composed of people over 15 years old, of low income, of black or brown color and located mainly in the Northeast region of the country. Regarding the fight against illiteracy, it was observed that the combat measures already used can be effective as long as they act directly on the causes of the problem, that is, literacy programs must be considered together with the factors of low income, lack of opportunities, prejudice, exclusion and more.

KEYWORDS: Illiteracy. Consequences. Brazil. Education.

1 | INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços educacionais já alcançados no Brasil desde o fim do século XX, este ainda é um país com uma alta taxa de pessoas acima de 15 anos de idade que não sabem ler e escrever. Quando comparada a situação do Brasil com a de demais países da América Latina, pode-se observar que o país avança mais lentamente na erradicação do analfabetismo, enquanto existem países que já o erradicaram há décadas (BRAGA; MAZZEU, 2017).

Isso acaba por gerar um certo debate entre estudiosos e pesquisadores brasileiros, no intuito de entender o motivo que faz com que o país ainda tenha uma parte considerável da população como analfabeta. Xavier e Chaves (2018) apontam que existem alguns fatores que contribuem para esses dados, mas se preocupam em informar que os professores têm sido amplamente responsabilizados pelo fracasso escolar dos alunos. Segundo os autores, muitas vezes, os professores têm sido colocados como incapazes de possibilitar que os alunos desenvolvam aprendizados condizentes com a norma culta.

Não se pode, porém, relacionar o analfabetismo brasileiro com questões de má educação escolar apenas. São diversos os fatores que podem levar a este que é considerado um problema de ordem social no Brasil, já que traz efeitos ao crescimento econômico do país, aumentam as desigualdades sociais e mais (ALMEIDA et al. 2017). Nesse sentido, esse estudo visa responder à questão: quais as causas do analfabetismo no Brasil, as principais consequências que esse problema traz e como isso impacta o desenvolvimento do país?

Para responder a essa questão, esse estudo tem como objetivo analisar a história do analfabetismo, bem como as causas e as consequências mais impactantes desse problema social no Brasil. Com isso, espera-se apresentar medidas adequadas para o enfrentamento desse problema. O estudo se divide, então, em três etapas: em primeiro lugar, é apresentado o conceito de analfabetismo, sua história e causas, bem como as comunidades mais afetadas com esse problema; em segundo lugar, observar-se-á as consequências que essa situação traz ao indivíduo em particular e ao país de forma geral; em terceiro lugar, são apresentadas medidas de enfrentamento e combate ao analfabetismo no Brasil.

A relevância dessa pesquisa se dá pela necessidade de levar à sociedade em geral o conhecimento sobre a gravidade do analfabetismo na população e como isso pode impactar o país, bem como pela necessidade de apresentar as causas desse problema e mostrar que são fatores passíveis de intervenção e enfrentamento. Ao debater essa questão, ainda, Vincent (2014) aponta que deve haver a compreensão de que existem diferentes tipos de analfabetismo, compreensão esta que é fundamental para que sejam

estabelecidas medidas de combate a esse problema. Assim, espera-se com esse estudo levar esse conhecimento à sociedade e apresentar medidas úteis de enfrentamento ao analfabetismo no Brasil.

O estudo se desenvolve por meio de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e caráter descritivo. São analisados diferentes artigos e dados publicados nos últimos dez anos (2012-2022) para a análise atual das causas e consequências do analfabetismo no país.

2 | ANALFABETISMO: CONCEITO, HISTÓRIA E CAUSAS

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988 (CRFB/88), que traz os direitos humanos construídos com base na ideia de dignidade da pessoa humana, afirma que toda pessoa deve ser igualmente reconhecida e respeitada, sendo tratada como parte da organização social e política. No entanto, a luta por esse respeito e reconhecimento ainda está presente na vida de muitos brasileiros, por exemplo, pequenos comerciantes e trabalhadores, pessoas de baixa renda, pessoas pretas, pessoas da comunidade LGBTQIA+ entre outras. Dentro desse grupo se encontram também as pessoas analfabetas (BARBALHO, 2018).

Para a compreensão sobre o que, de fato, é o analfabetismo, Haddad e Siqueira (2016, p. 89) trazem o conceito de alfabetização segundo o Ministério da Educação (MEC), que afirma que “um indivíduo alfabetizado não será aquele que domina apenas rudimentos da leitura e da escrita e/ou alguns significados numéricos, mas aquele que é capaz de fazer uso da língua escrita e dos conceitos matemáticos em diferentes contextos”. Por outro lado, um indivíduo analfabeto é considerado aquele que não é capaz de ler e escrever um bilhete simples no seu idioma ou que não tenha domínio da leitura e da escrita em níveis básicos.

Existem diferenças, porém, entre o analfabeto absoluto, ou total, e o analfabeto funcional. Essa incapacidade que uma pessoa tem de compreender textos simples é o que se chama de analfabetismo funcional. Já o analfabeto absoluto é aquela pessoa que recebeu pouca ou nenhuma orientação para ler e escrever, muitas vezes não sabendo assinar nem mesmo o seu próprio nome. Embora o número de analfabetos absolutos esteja diminuindo constantemente no Brasil, o número de analfabetos funcionais ainda é alto (NAOE, 2012).

Segundo Neres et al. (2020), o Brasil possui números extremamente preocupantes de pessoas jovens e adultas que ainda não conquistaram o direito de serem alfabetizadas, números que apontam que no modo de produção capitalista vigente no país “há preponderância da política econômica sobre a social, o que acaba por determinar os rumos do atendimento das demandas sociais, de acordo com o interesse maior do sistema, ou seja, a valorização do capital” (NERES et al. 2020, p. 1527). Cabe-se analisar, então, como o analfabetismo surgiu no país e quais os fatores que fazem com que ele ainda tenha força

na população.

2.1 História e fatores relacionados ao analfabetismo

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há uma evidente correlação entre as taxas de analfabetismo e as situações de pobreza, de exclusão e de baixo desenvolvimento econômico no Brasil. O Instituto ainda aponta que as metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) para a redução do analfabetismo no país nem sempre são alcançadas, o que contribui para o problema do analfabetismo na população brasileira (IBGE, 2015).

Para que haja uma compreensão sobre o que traz essa forte presença do analfabetismo no Brasil, bem como o motivo pelo qual tais metas não chegam a ser bem-sucedidas, Braga e Mazzeu (2017) apontam que deve ser buscada uma explicação no que marca a história da educação, desde a chegada dos portugueses às terras brasileiras. Como destacam os autores,

É importante considerar que a educação dos povos nativos do Brasil pelos portugueses, esteve a serviço de um projeto de 'domesticação' e aculturação que visava a tornar a primitiva colônia um negócio lucrativo economicamente. [...] Diferente de outras populações nativas do continente americano, nossas comunidades indígenas não desenvolveram sistemas próprios de escrita. A primeira tentativa de alfabetização ocorreu por meio da Igreja Católica, quando da chegada dos padres jesuítas ao país. [...] O ensino jesuítico era benéfico aos colonizadores, visto que "domesticava" os índios, civilizandoo-os e tornando-os mais fáceis de 'alhear', pois estavam mais dóceis e poderiam ser aproveitados como mão de obra escrava. (BRAGA; MAZZEU, 2017, p. 28-29)

Observa-se, assim, que desde o início da história da educação no Brasil, já houve separação de quem deveria aprender e quem não deveria, sendo dado mais oportunidades a uns do que a outros. Foi somente a partir da década de 1910 que, ocorrendo novas transformações econômico-sociais, começaram a surgir movimentos de contestação ao capitalismo, de cunho principalmente anarquista e, em menor escala, socialista. Tais movimentos defendiam o ensino popular com caráter de escola única, universal e gratuita, pois acreditavam que o analfabetismo era um obstáculo na propagação de seus ideais de anticapitalistas de justiça, igualdade e distribuição de riqueza. Logo, defendiam o ensino acessível para todos. Com o passar dos anos, programas e associações voltados à educação permitiram maior acesso da população às instituições de ensino, reduzindo taxas de analfabetismo (BRAGA; MAZZEU, 2017).

Devido a esse fator histórico, foram construídas as desigualdades econômicas regionais no Brasil, que passaram a se manifestar como um fator de analfabetismo de forma lenta. Essas desigualdades econômicas regionais foram se consolidando em favor do eixo centro-sul em contraposição às regiões Nordeste e Norte do país. Isso produziu desigualdades profundas entre as classes sociais e, até os dias atuais, a desigualdade de

renda continua sendo muito alta no Brasil. É possível observar hoje que, quanto mais pobre é um certo grupo de pessoas, maiores são as taxas de analfabetismo entre esse grupo (HADDAD; SIQUEIRA, 2016).

Existem ainda as desigualdades entre os grupos étnicos, ou desigualdades raciais, que se mostram presentes no país. Dados apontam que a proporção de pessoas pretas e pardas que não tem o domínio da leitura e da escrita é praticamente o dobro do que entre a população branca, além de serem maior parte da população de mais baixa renda (HADDAD; SIQUEIRA, 2016).

2.2 Faixa etária, gênero e renda

Com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), ainda em 1961, houve um crescimento das oportunidades de acesso à educação no Brasil. Isso fez com que as taxas de analfabetismo no país fossem reduzidas. Com o passar dos anos, a taxa de analfabetismo das pessoas de quinze anos ou mais de idade caiu de 15,6% para 10,9%, e a taxa de analfabetismo funcional diminuiu de 34,2% para 23,2%, representando um avanço na educação. Essas quedas, no entanto, se deram, e ainda se dão, de forma mais lenta nas regiões menos desenvolvidas do país, o que demonstra a existência das desigualdades regionais no que se refere ao combate ao analfabetismo (BARBALHO, 2018).

Atualmente, a média estadual da taxa de analfabetismo de pessoas com 15 ou mais anos de idade é de cerca de 13%, sendo que algumas regiões possuem taxas maiores e outras, taxas menores. As maiores taxas de analfabetismo do país são encontradas nas regiões Nordeste e Norte, onde se encontram mais pessoas de baixa renda. Já as menores taxas podem ser observadas nas regiões Sul e Sudeste, onde há um maior número de pessoas de renda média ou alta. Isso aponta uma proximidade entre a alfabetização, as classes sociais e as diferentes regiões brasileiras (ALMEIDA et al., 2017).

Como pode ser observado na tabela a seguir, entre as regiões brasileiras, as taxas de analfabetismo se destacam no Nordeste:

Brasil	13.170.342
Norte	1.118.410
Nordeste	7.120.489
Sudeste	3.138.984
Sul	1.027.127
Centro-Oeste	765.332

Tabela 1 – Taxa de analfabetismo por região do Brasil em 2014

Elaboração própria, 2022.

Fonte: HADDAD; SIQUEIRA, 2016.

As desigualdades de renda estão, então, entre os principais fatores que levam ao analfabetismo no país. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apontam que as 20% pessoas mais ricas do país possuem renda 32 vezes maior que a renda das 20% pessoas mais pobres, algo que impacta diretamente na porcentagem do analfabetismo. No Brasil, a taxa de analfabetismo é de 1,4% nos domicílios cujo rendimento é superior a dez salários-mínimos e de 29% nos domicílios cujo rendimento é inferior a um salário-mínimo (INEP, 2015).

Em relação a idade, embora as taxas sejam maiores quando associadas a pessoas acima de 15 anos de idade, crianças também podem ser consideradas analfabetas, e em altas taxas, como apresenta a tabela a seguir:

Idade	Números aproximados
7 a 9	1.510.000
10 a 14	670.000
15 a 19	370.000
20 a 29	1.155.000
30 a 39	1.944.000
40 a 49	2.500.000
50 anos +	8.006.000

Tabela 2 – Taxa de analfabetismo por idade

Elaboração própria, 2022.

Fonte: TEBALDI; LEMES, 2021.

Em relação ao gênero, o país não apresenta grandes diferenças entre homens e mulheres analfabetos, com uma porcentagem em cerca de 12% para ambos os sexos acima de 15 anos de idade (INEP, 2015). No entanto, as mulheres já representam as maiores taxas de ocupação das instituições de ensino no país, em diferentes níveis de ensino, com destaque no ensino superior (BARBALHO, 2018).

3 | AS CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO

Segundo Naoe (2012), o fato de uma pessoa ser ou não alfabetizada depende em muito do contexto e da realidade do país. Essa realidade não apenas é responsável pela existência do analfabetismo entre a população como também sofre as consequências dessa questão social.

Para compreender a causa segundo a qual o analfabetismo traz grandes consequências ao indivíduo e ao país, é importante entender, primeiramente, que uma

população analfabeta pode ser facilmente manipulada por qualquer meio de informação. Em 2020, uma pesquisa realizada pelo Ibope na sociedade brasileira apontou que 63% dos entrevistados utilizavam a televisão como primeira opção para se informar. Assim, pode-se deduzir que a opinião dessas pessoas sobre determinada questão é aquilo que lhes foi passado por esse meio de transmissão, sendo uma informação, na maioria dos casos, tomada como verdade sem questionamentos (ALMEIDA; KREJCI, 2020).

Questões como essa contribuem para o aumento do preconceito e bullying social, para a evasão escolar e mais, ainda, levam à exclusão social e à falta de capacitação profissional. Em tempos em que a expansão populacional, tecnológica e comercial tem sido cada vez mais presente, o analfabetismo acaba por gerar na pessoa incerteza e insegurança por, muitas vezes, não serem capazes de manejar um celular, preencher um formulário ou fazer uso de um transporte público, por exemplo. Para o Brasil, os analfabetos são pessoas que não poderão contribuir economicamente, já que encontram dificuldades para ingressar no mercado de trabalho (XAVIER; CHAVES, 2018).

3.1 Consequências ao indivíduo

Apesar do que decreta a Constituição Federal, o Brasil ainda é um país com forte preconceito no que diz respeito às “diferenças”. Nesse sentido, o analfabeto se vê diminuído na sociedade pelo fato de que sua condição de vida não é respeitada por parte das pessoas. Assim, as consequências enfrentadas por esse indivíduo não são apenas consequências sociais, mas emocionais e psicológicas (MIRANDA et al., 2020; TAVARES, 2018).

Andrade e Moreira (2019), ao trazerem o pensamento de Paulo Freire, apontam o quão ruim é que os analfabetos sejam colocados como “inferiores” na sociedade, ao invés de ser-lhes dadas oportunidades de superar o analfabetismo. Isso faz que o analfabeto sinta que só pode ouvir a quem tem mais conhecimento e tomar tal conhecimento como verdade. Os analfabetos, como afirmou Paulo Freire,

De tanto ouvirem de si mesmo que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude disso, terminam por se convencer de sua incapacidade. Falam de si como os que não sabem nada e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. (1987, apud ANDRADE; MOREIRA, 2019)

Pode-se entender que, muitas vezes, essa população não evolui porque não lhe é dada a oportunidade de evoluir em relação à educação. Para um analfabeto, em certas situações, é mais difícil o alcance do respeito de seus direitos. Isso ocorre porque a educação é colocada basicamente como um pré-requisito necessário à liberdade civil, sendo que os direitos civis se destinam às pessoas “inteligentes e de bom senso”, em geral, a quem aprendeu a ler e escrever (BARBALHO, 2018; TAVARES, 2018).

3.2 Consequências ao país

O analfabetismo afeta diferentes áreas do sistema brasileiro e, com isso, traz amplas consequências ao país, aumenta as desigualdades sociais, afeta a economia, afeta a política e mais. Em relação ao chamado analfabetismo político (que trata não necessariamente de pessoas que não sabem ler e escrever, mas de pessoas com pouca base de estudo), por exemplo, Almeida e Krejci (2020) analisaram uma entrevista realizada com 24 pessoas que foram questionadas sobre o que é democracia, e observaram que apenas 6 destas conheciam o significado da palavra, apesar de habitarem um país democrático. Com isso, destacam que o analfabetismo pode afetar inclusive o futuro do país, já que pessoas chegam a participar de atos políticos sem os compreender, sem ter o conhecimento necessário para dar base à sua ação e, até mesmo, sem a capacidade para obter esse conhecimento.

Nesse sentido, entre todas as suas consequências ao país, o analfabetismo compromete a democracia e facilita a política de atos autoritários, contribuindo para que isso resulte em graves prejuízos sociais (ALMEIDA; KREJCI, 2020). Soares e Ferro (2019) destacam que o analfabetismo é um dos fatores que levam ao atraso socioeconômico da nação, pois pessoas que tiveram uma ausência de bons estudos iniciais tendem a ser as que mais abandonam os estudos no Ensino Fundamental ou Médio, as que mais adoecem por falta de compreensão de orientações, as que são menos atuantes no mercado de trabalho e mais.

Para Santos (2020), a ainda alta porcentagem de pessoas analfabetas no Brasil, que já é um país desenvolvido, é motivo de vergonha alheia perante as demais organizações mundiais e países desenvolvidos, especialmente por estar rodeado de países que já erradicaram ou quase o analfabetismo. O autor aponta ainda que o fato de os programas de combate ao analfabetismo se mostrarem insuficientes na redução desse problema é algo que deve ser corrigido.

4 | COMBATE AO ANALFABETISMO NO BRASIL

A partir do momento em que foi promulgada a CRFB, de 1988, o cenário brasileiro contou com uma legitimação da participação passiva dos analfabetos. Isso já foi considerado um grande avanço no sistema brasileiro para com as pessoas não alfabetizadas. No entanto, isso apenas deu à população analfabeta o “direito” de atuarem de forma facultativa na sociedade (CRFB/88, art. 14, § 1º, inciso II). Quando em comparação com a população em geral, os analfabetos são colocados como inferiores no mercado de trabalho e no que diz respeito à cultura e à representação, sendo reforçada a invisibilidade desse grupo (ANDRADE; MOREIRA, 2019).

Tem-se, assim, que, embora o país tenha obtido avanços na redução das taxas de analfabetismo ao longo dos anos e no reconhecimento da população analfabeta brasileira,

ainda há muito o que fazer no combate ao analfabetismo. Atualmente, o país conta com diversos programas de erradicação do analfabetismo, como: a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo; o Movimento Brasileiro de Alfabetização; a Fundação Educar; o Programa de Alfabetização Solidária; o Programa Brasil Alfabetizado; e muitos outros (BARBALHO, 2018). Apesar disso, há a necessidade de que novas medidas de combate ao analfabetismo sejam tomadas.

Entre o período de 2005 a 2015 no Brasil, os programas de alfabetização e combate ao analfabetismo conseguiram reduzir o número de analfabetos em cerca de 2,5 milhões, restando cerca de 13 milhões de analfabetos no país (veja a tabela 1). Para a redução do analfabetismo nesse restante de indivíduos, o Programa Brasil Alfabetizado estimou que seriam necessários ainda cerca de 50 anos (BRAGA; MAZZEU, 2017).

Ano	Analfabetos	%
2000	16.294.889	13,63
2011	12.865.580	8,60
2012	13.162.991	8,70
2013	13.335.365	8,50
2014	13.170.342	8,30

Tabela 3 – Taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais no Brasil entre 2000 e 2014

Elaboração própria, 2022.

Fonte: HADDAD; SIQUEIRA, 2016.

Logo, com um grande contingente de pessoas analfabetas no país, é necessário não apenas que sejam tomadas novas medidas de combate ao analfabetismo, mas que sejam analisadas as medidas atuais, como os planos, programas e campanhas de alfabetização no intuito de observar a causa do fracasso dessas iniciativas ou de uma redução tão lenta no que diz respeito à redução das taxas de analfabetismo.

4.1 Medidas para a diminuição do analfabetismo no Brasil

A CRFB/88 traz em seu artigo 6º o seguinte texto: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 2016, p. 18). Esse artigo aponta que o acesso à educação é um direito básico e fundamental para toda a população brasileira, e isso por si só já deveria servir como uma medida contra o analfabetismo. No entanto, essa não é a realidade do país.

O fato de existir o analfabetismo entre a população brasileira já indica uma violação

do direito humano à educação, isso aponta também que mesmo as muitas políticas públicas implementadas ao longo da história não conseguiram superar esse problema, embora tenham trazido avanços (HADDAD; SIQUEIRA, 2016). Os avanços, porém, segundo Braga e Mazzeu (2017), sempre ocorreram de forma lenta, com estimativa de que continuem a ocorrer dessa forma.

Naoe (2012) chama atenção para o fato de que, realmente, não é possível trabalhar de forma rápida na redução das taxas de analfabetismo. Segundo a autora, isso ocorre porque

Toda uma vida foi construída pela pessoa sem o uso da leitura e da escrita e não é nada fácil mudar isso. Para os indivíduos que são analfabetos até os 15 anos ou mais, definitivamente não é hábito ler e escrever e é impossível se mudar o hábito de vida de alguém somente com oito meses de curso de alfabetização. (NAOE, 2012, p. 3)

Apesar de não ser possível o alcance de uma rápida redução das taxas de analfabetismo no país, há a possibilidade de um melhor cumprimento da lei em relação ao direito à educação e há a possibilidade de se tomarem medidas mais eficazes de combate. A questão não é que as medidas atuais não sejam eficazes no combate ao analfabetismo, porém é necessário que tais medidas sejam aplicadas a partir de novas abordagens (SANTOS, 2020).

De acordo com Braga e Mazzeu (2017), já se foi possível observar que os Programas, Planos e Campanhas contra o analfabetismo estão entre as melhores formas de se contribuir para a redução do número de analfabetos no país. Isso porque são iniciativas que visam levar a alfabetização a quem não é alfabetizado (MIRANDA et al., 2020). No entanto, há a questão de que essas iniciativas não têm dado foco às principais causas desse problema social, isto é, não atuam de fato nas desigualdades existentes no país, e isso faz com que as taxas sejam reduzidas de forma lenta em comparação aos demais países latinos (BRAGA; MAZZEU, 2017).

Como apontam Miranda et al. (2020), é a alfabetização um dos fatores chave para a resolução de um dos problemas mais urgentes da sociedade, ou seja, o analfabetismo e suas consequências. Pode-se chegar a essa conclusão a partir do entendimento de que a realização plena do ser humano só se dá através da educação, portanto, promovê-la é fundamental para o desenvolvimento de todas as nações. A alfabetização, além de ser uma ferramenta de combate ao analfabetismo, também é uma ferramenta para combater a pobreza e a desigualdade, elevando os níveis de saúde e bem-estar social no país, bem como possibilita a criação de bases para um desenvolvimento econômico sustentável e a manutenção de uma democracia duradoura.

51 CONCLUSÃO

Através desse estudo foi possível observar que o analfabetismo nasceu no Brasil ainda no período colonial, com a separação da população entre povos civilizados e não civilizados. Essa situação, embora amplamente reduzida com o passar dos anos e evolução do sistema educacional brasileiro, ainda mantém raízes na sociedade atual, o que se percebe com o fato de que a maioria da população analfabeta do país atualmente é composta de pessoas acima de 15 anos, de baixa renda, de cor preta ou parda e localizada, principalmente, na região Nordeste do país.

Quanto ao combate ao analfabetismo, observou-se que as medidas de combate já utilizadas, como os programas, planos e campanhas de alfabetização, podem ser eficazes desde que atuem diretamente nas causas do problema. A alfabetização é um dos fatores chave para a resolução do analfabetismo, no entanto, devem ser considerados os fatores de baixa renda, de falta de oportunidades, de preconceito, de exclusão e mais, para que, tratados em conjunto com os programas de alfabetização, possam alcançar uma redução mais eficaz das taxas de analfabetismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernanda M.; VALADARES, Josiel L.; SEDIYAMA, Gislaíne A. S. A contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico dos estados brasileiros. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 3, p. 466-494, set./dez. 2017.
- ALMEIDA, Isabela Moraes de Paula; KREJCI, Rosali. Analfabetismo político brasileiro. **Rev. Episteme Transversalis**, Volta Redonda-RJ, v. 11, n. 2, p. 266-282, 2020.
- ANDRADE, Amanda Cristina; MOREIRA, Marcelo Sevaybricker. Reconhecimento e cidadania dos analfabetos no Brasil: uma questão histórica e política. **Rev. Filosofia do Direito, do Estado e da Sociedade**, Natal, v. 10, n. 2, p. 128-141, jul./nov. 2019.
- BARBALHO, Teófilo. **Porcentagem de analfabetismo e direito a educação em adultos de 25 a 50 anos do bairro dos Coelhos, Recife, PE – Brasil, ano 2018**. Dissertação. 88 p. Paraguay: Universidad Autónoma de Asunción, Facultad de Ciencias Políticas, Jurídicas y de la Comunicación, 2018.
- BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **RPGE – Revista Online de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. 1, p. 24-46, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.1.2017.9986>.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.
- HADDAD, Sérgio; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**, Vitória-ES, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul./dez. 2015.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira – 2015/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, 2015.

MIRANDA, Joelma R. S. N.; BARRETO, Esmênia Soares C.; NASCIMENTO, Marcos dos Santos. **Uma pequena reflexão sobre**: analfabetismo, lutas e avanços. Anais Congresso Internacional de Educação Inclusiva, Paraíba, ISSN 2359-2915, p. 1-11, 2020.

NAOE, Aline. Analfabetismo no Brasil evidencia desigualdades sociais históricas. **ComCiência**, Campinas, n. 135, p. 1-5, fev. 2012.

NERES, Efigênia Alves; GONÇALVES, Marli Clementino; ARAÚJO, Neuton Alves de. Educação de jovens e adultos no Brasil: contradições entre políticas públicas e qualidade educacional. **Rev. Online de Política e Gestão Educacional – RPGE**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1524-1540, set./dez. 2020.

SANTOS, José Alex Trajano dos. Os caminhos que contribuíram para a queda do analfabetismo no Brasil. **Cogitare**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 67-85, nov. 2020.

SOARES, Maria Alda Pinto; FERRO, Maria do Amparo Borges. “Contra o terrível mal do analfabetismo”: escopo e raio de ação do jornal “A Escola” (1918-1920). **Revista História da Educação**, v. 23, e87031, p. 1-29, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/87031>.

TAVARES, Mariane. **Literatura e analfabetismo**: a mediação de *booktubers*. Anais Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, Campinas, Unicamp, p. 1-5, 2018.

TEBALDI, Evelin Louise P. R.; LEMES, Sebastião de Souza. Analfabetismo brasileiro: discutindo a insuficiência do processo de alfabetização institucionalizado. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 7, n. 1, p. 82-95, jan./abr. 2021.

VINCENT, David. Alfabetização e desenvolvimento. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 58, p. 539-560, jul./set. 2014.

XAVIER, Libânia N.; CHAVES, Miriam W. A invenção da escola pública e seus desdobramentos no Brasil: entre o ideal de modernidade e os problemas contemporâneos. **História Caribe**, v. 13, n. 33, p. 255-282, jul./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.15648/hc.33.2018.10>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 255, 256, 258

A casa que Jack construiu 37, 38, 41, 42, 44, 45, 49, 50

Adolescente 34, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 114

Analfabetismo 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 241, 243

Aprendizagem histórica 9, 11, 105

Assédio sexual 255, 256, 257, 258, 259

Aulas remotas 198, 199, 200, 201, 204, 207

B

Brasil 21, 62, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 84, 85, 86, 90, 93, 96, 99, 100, 101, 102, 117, 119, 122, 129, 131, 133, 134, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 179, 185, 188, 191, 193, 194, 196, 204, 210, 213, 214, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 260, 261

C

Censura 20, 22, 35

China 21, 36, 77, 82, 83, 188

Consequências 3, 46, 97, 156, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 172, 183, 256

Contexto escolar 86, 117, 181, 184, 200, 203

Criança 56, 57, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 184, 185, 205

Cultura pop 15, 20

Curso de pedagogia 120, 121, 133, 141, 142, 145

D

Dança 56, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Danças brasileiras 86, 89

Deficiência 12, 117, 118, 119, 136

Demiurgia 37, 38, 44, 46, 49

Diário de campo 117, 118, 119

Dificuldades 57, 97, 117, 118, 119, 132, 134, 137, 169, 179, 188, 198, 201, 202, 246, 252

E

Educação 9, 18, 27, 34, 66, 67, 71, 77, 87, 88, 89, 90, 93, 97, 99, 102, 104, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135,

136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 208, 243, 254, 262

Empoderamento 58, 63, 64, 68, 69, 70, 75, 76, 258, 259

Ensino 9, 10, 11, 13, 17, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 104, 105, 106, 114, 117, 118, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 155, 157, 158, 160, 166, 168, 170, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 207, 242, 262

Escrita 11, 21, 53, 54, 55, 56, 73, 106, 107, 117, 119, 130, 137, 154, 165, 166, 167, 172

Estética 1, 7, 39, 41, 43, 49, 50, 53, 54, 55, 56

Estudos interartes 37, 38, 51

Estudos literários 37

F

Feminismo 62, 63, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 74, 75, 76

Figurino e política 20

Formação de professores 87, 120, 121, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 202

Fundadores 12, 77

G

Garimpeiro 246, 252

H

Harry Potter 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

História da educação 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 159, 166, 174

Historiografia educacional 120, 138

Hotéis 209, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226

I

Igualdade 63, 65, 68, 74, 75, 118, 150, 156, 166

Inclusão 58, 102, 117, 118, 119, 145, 146, 147, 148, 150, 159, 179

L

Literatura 9, 10, 11, 12, 16, 17, 37, 38, 39, 40, 43, 45, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 61, 62, 88, 95,

104, 105, 106, 113, 114, 137, 146, 174, 214, 215, 219, 223, 233, 248

M

Melhoria contínua 198

Método 5s 198, 200, 203, 207

Mídias sociais 209, 210, 211, 217, 218, 258, 260

Montante 246, 247, 250, 251, 252

Mudança estrutural 1

Mulher 21, 46, 47, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 108, 229

N

Narrativa complexa 1, 3

O

Online travel review 209, 210

P

Pandemia 9, 10, 105, 106, 187, 188, 190, 191, 198, 199, 201, 202, 205, 206, 207, 208, 260

Periódicos 120, 121, 122, 123, 124, 131, 133, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 248

Período medieval 9, 10, 11, 104, 106, 113

PIBID 86, 87, 88, 89, 91, 93, 192, 193, 194, 196, 198, 200, 202

Posicionamento 151, 152, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 225

Proteção 26, 78, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 171, 249, 260

Q

Química 9, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 195, 196, 197, 242, 243

R

Rio de Janeiro 17, 18, 19, 36, 51, 52, 62, 74, 75, 76, 84, 93, 114, 115, 116, 160, 161, 162, 174, 185, 208, 209, 210, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 243, 244, 245

Risco 35, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 112, 113

S

Século XIX 17, 65, 66, 113, 228, 230, 231, 234, 235, 237, 240, 241

Séries 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 118, 204

Serra pelada 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254

Surdez 118, 119

T

Território 15, 22, 24, 57, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 235

The Untamed 20, 21, 22, 23, 24, 27, 35, 36

TICs 192, 193

Transcrição 37, 38, 39, 40, 51

Tripadvisor 209, 210, 211, 218, 219, 223, 225

Tucupi 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243

U

Utilização 72, 88, 100, 106, 130, 137, 139, 182, 183, 184, 193, 198, 199, 204, 209, 218, 228, 229, 230, 234, 235, 236, 238, 241

V

Vulnerabilidade 96, 97, 101

AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

